

DOSSIÊ ESTADO | 20 ANOS SEM O MURO

Túneis e balões ligavam leste a oeste

Para escapar de regime comunista, alemães usavam a criatividade

Renata Miranda
ENVIADA ESPECIAL
BERLIM

Escapar da República Democrática da Alemanha (RDA) não era tarefa para qualquer um. Além de determinação e agilidade, a criatividade dos fugitivos era essencial na hora de bolar um plano de saída. Nos primeiros dias após a ordem de construção do Muro de Berlim, em 1961, a Bernauer Strasse foi um dos pontos de fuga mais movimentados da cidade. Enquanto os apartamentos dos prédios de um lado da rua ficavam na Alemanha Oriental, a porta de saída e a calçada estavam do lado ocidental.

“O outro lado da rua era como se fosse o outro lado do mundo”, disse o pastor Manfred Fischer, de 61 anos, cuja igreja ficou isolada no lado oriental (*mais informações nesta página*). “O muro cortou a vida dessas pessoas que já tinham perdido tudo na 2ª Guerra e, com a chegada da barreira, estavam perdendo de novo o pouco que haviam reconquistado.”

Muitas pessoas usavam as janelas dos prédios para chegar ao lado ocidental. Depois de jogar os pertences em malas e sacos plásticos na rua, os alemães tentavam descer com a ajuda de cordas improvisadas com lençóis. Alguns pulavam. Frieda Schulze, então com 77 anos, foi uma delas. Desesperada com a entrada de soldados da RDA em seu apartamento, foi para a janela e tentou descer apoiando-se no parapeito.

As pessoas que estavam na rua correram para ajudá-la e um jogo de cabo de guerra começou, com os guardas orientais puxando Frieda para cima e os alemães ocidentais para baixo. Eventualmente, os soldados a soltaram e ela caiu com segurança em uma rede fornecida pelos bombeiros. Para evitar episódios como esse, a RDA de-

“O outro lado da rua era como se fosse o outro lado do mundo para nós. O muro cortou a vida de pessoas que já tinham perdido tudo durante a 2ª Guerra e, com a chegada da barreira de concreto no meio da cidade, estavam perdendo de novo o pouco que reconquistaram”

Manfred Fischer
Pastor

cretou que todos os prédios na região fossem desocupados.

Nos primeiros meses após o fechamento da fronteira, pelo menos 600 refugiados escaparam pelos canais e sistema de metrô da cidade. No entanto, depois de o governo lacrar essas passagens, os que não suportavam mais o regime comunista decidiram cavar túneis do leste para o oeste. Uma associação que pesquisa o tema encontrou 71 projetos para a escavação de túneis na época, mas não há um número exato de quantas passagens foram de fato construídas.

Oito dias antes da construção do muro, Waltraud Niebank, então com 24 anos, morava em Berlim Oriental e acabara de se casar com um alemão ocidental. Após o casamento, ela se mudaria para o oeste. A permissão para a mudança, que foi dada à jovem antes do muro ser erguido, foi rasgada por autoridades da RDA, que alegaram que, em tempos de guerra, “tudo o que havia sido permitido antes não era mais válido”.

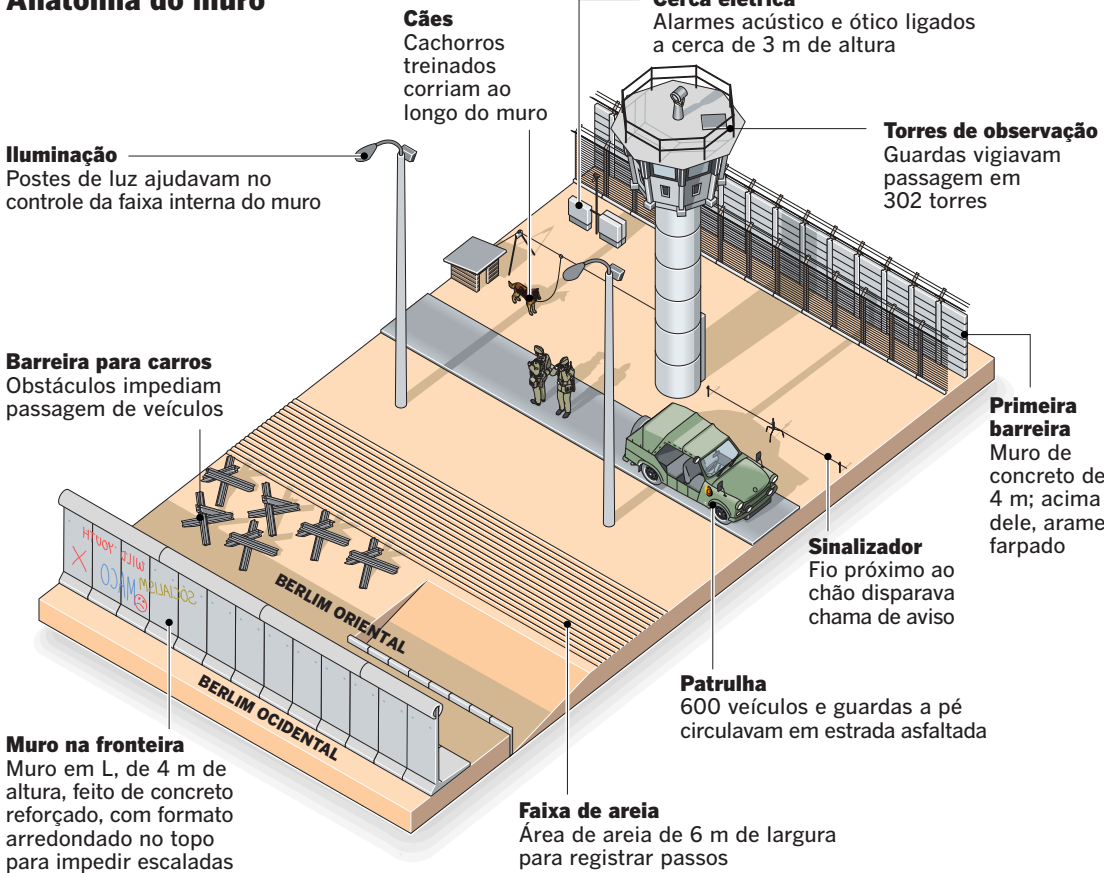
Waltraud tentou de tudo para conseguir uma nova autorização. Em vão. Em dezembro de 1961, o tio da jovem pediu que ela fosse ao cemitério de Pankow com uma coroa de flores. Acompanhada de um outro casal, ela conseguiu escapar por



CABO DE GUERRA - Momento da fuga de Frieda Schulze: guardas orientais a puxavam para cima, enquanto os cidadãos ocidentais, para baixo

A BARREIRA

Anatomia do muro



Resistência

Apesar dos controles, estima-se que **5 mil** alemães conseguiram escapar para o oeste

Mais de **130** pessoas morreram tentando cruzar o muro em Berlim; os **50 mil** guardas tinham autorização para atirar

INFOGRÁFICO/AE/GN

um túnel escondido atrás de uma das lápides e se reencontrou com o marido.

Além dos túneis, muitas pessoas se escondiam em portamalas e latarias de carro para cruzar a fronteira. “Havia muitas razões para deixar a RDA e as fugas eram muito criativas”, disse o historiador Stefan Wolle, especialista em temas da Alemanha Oriental. “Aviões pequenos e balões de gás também eram muito utilizados.”

Com o passar do tempo, fugir do país passou a ser ainda mais perigoso. Ser baleado pelos guardas, que tinham autorizações para atirar, sofrer mutilações por explosões das minas terrestres e morrer afogado no Rio Spree eram alguns dos riscos que os fugitivos corriam.

Entre 1961 e 1989, 136 pessoas morreram cruzando o muro. Ao longo de toda a fronteira da RDA, estima-se que 800 pessoas foram mortas tentando fugir. Até hoje, cerca de 30 mil minas estão desaparecidas na região de fronteira entre as duas Alemanhas – exceto na área do muro, que não era minada. ●

➔ **Amanhã**, a história do piquenique que abriu a primeira brecha na Cortina de Ferro

➔ A repórter viajou a convite do governo alemão

Muro de Berlim separou pastor de sua igreja

Manfred Fischer teve de trabalhar em paróquia dividida por barreira e manter a esperança dos fiéis

BERLIM

A história do Muro de Berlim se confunde com a do pastor Manfred Fischer, de 61 anos. Designado em 1975 para ser o responsável pela comunidade religiosa na região da Bernauer Strasse, um detalhe nada modesto impedia que ele fizesse seu trabalho: sua paróquia estava dividida pelo Muro e a igreja ficou isolada, do outro lado da fronteira, em Berlim Oriental.

“Como não tínhamos igreja, nos encontrávamos no prédio onde hoje funciona o Centro de Documentação do Muro”, afirmou Fischer. “No entanto, quando cheguei aqui, não notei como essa divisão era nociva para a cidade porque não conhecia como Berlim era antes da barreira. Mesmo assim, meu trabalho como pastor dessa comunidade cortada ao meio era ajudar a manter a esperança viva e não desistir.”

A Igreja da Reconciliação foi mantida pelo governo oriental



DESTRUIÇÃO - RDA derrubou igreja para “limpar” a fronteira

como posto de observação. Guardas faziam vigilância do topo de sua torre, monitorando o que acontecia nos dois lados da fronteira.

Durante anos, a igreja ficou espremida entre as grades que faziam parte do sistema de segurança da República Democrática da Alemanha (RDA), até

que, em 28 de janeiro de 1985, a construção foi inteiramente destruída sem muitas explicações.

JUSTIFICATIVA

O ato oficial que justificava sua derrubada apenas dizia que a ação tinha como objetivo “aumentar a segurança, ordem e

limpeza da fronteira com Berlim Oriental”. “Acho que destruíram a igreja porque não queriam manter viva nenhuma memória de um tempo no qual as coisas eram diferentes”, disse o pastor.

Na noite de 9 de novembro de 1989, Fischer voltava para casa de uma reunião quando percebeu uma movimentação perto dos postos de con-

‘Nosso papel é dizer que não nos esqueceremos das vítimas’

trole. Ele estava com o rádio desligado, não entendeu o que estava acontecendo e seguiu seu caminho para casa.

“Quando cheguei, meu telefone não parava de tocar”, lembrou. Assim que ficou sabendo da novidade, foi para as ruas juntar-se aos outros que comemoravam a queda do Muro.

“Foi algo totalmente inesperado para mim, e o fato de nenhuma arma ter sido disparada foi praticamente um milagre”, afirmou Fischer. “Nosso papel hoje é mandar a mensagem para o mundo de que não esqueceremos as vítimas. Não esqueceremos 1961 e não esqueceremos 1989.” ● R.M.

MEMÓRIAS DA FRONTEIRA

A fantástica fuga de Schumann



... A fuga do soldado Conrad Schumann, de Berlim Oriental para Berlim Ocidental, entrou para a história como uma das fotos mais simbólicas da Guerra Fria. A imagem – do fotógrafo alemão Peter Leibnig –, feita dois dias depois de o líder soviético, Nikita Kruchev, ter ordenado a construção do muro, mostra o momento em que o soldado pulava a cerca de arame farpado que dividia a cidade.

Na época com 19 anos, Schumann passou por três meses de treinamento em Dresden. A iniciativa de ajudar na vigilância da fronteira em Berlim, na Bernauer Strasse, foi do próprio jovem. Com a cabeça baixa, usando capacete e levando uma submetralhadora, tomou impulso e correu contra a cerca. Ele largou a arma as-

sim que cruzou a fronteira, pedindo ajuda a uma viatura policial.

Ele disse que decidiu fugir depois que viu uma menina que estava visitando os avós no leste ter sido barrada por soldados na hora de voltar para o oeste. “Apesar de os pais da garotinha estarem esperando por ela a poucos metros da cerca, ela foi enviada de volta para o leste”, disse Schumann.

“Às vezes sinto como se estivesse sonhando porque depois da triste vida na Alemanha Oriental tudo isso parece tão fora da realidade, como um conto de fadas”, afirmou Schumann à agência Associated Press, em 1963, dois anos depois de ter escapado da RDA. Vítima de depressão, ele se suicidou em junho de 1998 no jardim de sua casa, na Baviera. ● R.M.